

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA 2



MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELCIONE CARVALHO SANTOS
JOSÉ DONIZET LOBO
(ORGANIZADORES)

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA 2



MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELCIONE CARVALHO SANTOS
JOSÉ DONIZET LOBO
(ORGANIZADORES)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elcione Carvalho Santos
José Donizet Lobo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elcione Carvalho Santos, José Donizet Lobo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0264-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.640221205>

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Santos, Elcione Carvalho (Organizadora). III. Lobo, José Donizet (Organizador). IV. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores, saudações.

Apresentamos o e-book “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia 2”, composto de três capítulos organizados por pesquisadoras/es do Brasil e da Colômbia, que orquestram o discurso de forma reflexiva em torno da Filosofia e da História da Filosofia, perpassando pelos seguintes liames: Consumo, Cultura, Êxtase, Instintos, Liberdades, Mística, Nietzsche, Noite escura, Pós-modernidade, Razão, Sociedade de consumo, Vontade e Gênero. Para os autores do capítulo 1 - Existe uma relação entre os preceitos sociais do projeto de pós-modernidade e o fenômeno de desumanização, que teve impacto na vida das pessoas. Estes, na sua ânsia de encontrar um estatuto social que os conduza ao sucesso, puseram em prática estes cânones, assumindo-os como normas que os ajudarão a superar uma série de necessidades derivadas da sociedade de consumo, que os programaram para legitimar estas crenças através da sua prática, e como resultado, tornaram-se sujeitos egoístas e narcisistas, dispostos a explorarem-se a si próprios na busca do sucesso e a exporem-se como produto de mercado, perdendo a sua vontade no processo e agindo condicionados às regras neles implantadas, que os fazem funcionar como uma máquina. Os autores do capítulo 2, objetivaram discutir alguns elementos relacionados às experiências místicas vividas e descritas por São João da Cruz no seu escrito “a noite escura da alma”. Segundo os autores, tais experiências, possivelmente se deram durante o período de cárcere, entre 1578 e 1579. Os autores do capítulo 3, buscaram realizar uma investigação do papel dos instintos de crueldade e de agressividade na filosofia de Nietzsche de como eles foram canalizados durante o processo civilizatório. Iniciaram investigando a composição orgânica do homem e a explicitação de como o homem ‘salta’ de sua mera condição biológica para se tornar um ser de cultura. Na sequência, tomaram como referência o procedimento genealógico e a fisiopsicologia, presentes no pensamento de Nietzsche, procurando elucidar o processo formativo do homem, mediante o nascimento da memória-da-vontade e da moralidade do costume fazendo com que o homem se tornasse responsável pela palavra empenhada. No capítulo 4, os autores propõem problematizar sobre a mulher na Grécia antiga a partir do mito de Medeia. Isto dito, desejamos a todas/os uma excelente leitura.

Marcelo Máximo Purificação

Elcione Carvalho Santos

José Donizet Lobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POST-MODERNITY AND DEHUMANIZATION: A REFLECTION TO RETHINK THE PLACE OF THE INDIVIDUAL AND THEIR HAPPINESS	
Adriana Obando Aguirre	
Cristian Zapata Arboleda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212051	
CAPÍTULO 2	13
APONTAMENTOS SOBRE A MÍSTICA DE SÃO JOÃO DA CRUZ: UM OLHAR SOBRE A OBRA “A NOITE ESCURA DA ALMA”	
Mauricio Silva de Andrade	
Marcio Bogaz Trevisan	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212052	
CAPÍTULO 3	29
A CRUELDADE E A AGRESSIVIDADE EM NIETZSCHE	
Tarcísio Martins de Oliveira	
Ângela Zamora Cilento de Rezende	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212053	
CAPÍTULO 4	47
ENSINO DE FILOSOFIA E O LUGAR SOCIAL DA MULHER NO MITO DE MEDEIA	
Elce Nunes Nogueira da Costa e Nogueira	
Marcelo Máximo Purificação	
Maria Filomena Rodrigues Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212054	
SOBRE OS ORGANIZADORES	57
ÍNDICE REMISSIVO	59

CAPÍTULO 2

APONTAMENTOS SOBRE A MÍSTICA DE SÃO JOÃO DA CRUZ: UM OLHAR SOBRE A OBRA “A NOITE ESCURA DA ALMA”

Data de aceite: 02/05/2022

Mauricio Silva de Andrade

Orientando: Cursa Teologia na Pontifícia Università della Santa Croce em Roma, Itália

Marcio Bogaz Trevisan

Orientador: Professor de Filosofia, Teologia, Humanidades, e orientador de TCC dos cursos de Pós-Graduação (Lato Sensu) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Trabalho de conclusão de curso, como exigência final para obtenção de título de bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco, sob a orientação do Dr. Pe. Márcio Bogaz Trevisan.

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir alguns elementos relacionados às experiências místicas vividas e descritas por São João da Cruz no seu escrito “a noite escura da alma”. Tais experiências, possivelmente se deram durante o período de cárcere, entre 1578 e 1579. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica. Nossas investigações dão conta que João de Yepes, tradicionalmente conhecido por São João da Cruz, teve inúmeras experiências consideradas místicas que impactaram a reflexão teológica e filosófica ao longo dos últimos quatro séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Êxtase; Mística; Noite Escura.

ABSTRACT: The present article aims to

discuss some elements related to the mystical experiences lived and described by St. John of the Cross in his writing "the dark night of the soul". Such experiences, possibly occurred during his imprisonment, between 1578 and 1579. The methodology adopted was bibliographical research. Our investigations show that John of Yepes, traditionally known as Saint John of the Cross, had numerous experiences considered mystical which impacted the theological and philosophical reflection over the last four centuries.

KEYWORDS: Ecstasy; Mystique; Dark Night.

1 | INTRODUÇÃO

Em um mundo tão conturbado, a Filosofia, ao buscar compreender as coisas tais como elas são, como classificou Aristóteles na sua Metafísica (2018, VI, I.), apresenta-se como grande ferramenta para auxiliar nessa travessia chamada vida. Sendo assim, através do estudo da Mística, partindo das experiências que especula-se terem sido vivadas no cárcere de João, entre 1576 (1ª prisão) e 1577-78 (2ª prisão), pretendemos refletir acerca desses fenômenos místicos, para contribuir na nossa compreensão do assunto. É conveniente esclarecer que o presente artigo não se caracteriza como um trabalho teológico, nosso objeto de estudo não é Deus, ainda que seja citado inúmeras vezes haja vista que João é um santo católico; nosso campo de estudo é a Mística, enquanto objeto para a análise e reflexão filosófica. Contudo, as

incurções teológicas são abundantes, de modo que em determinado momento as reflexões filosóficas e teológicas se somam para dar lugar a reflexão instigada pelos escritos de João da Cruz.

Nosso ponto de partida é a vida de João de Yepes, chamado de João da Cruz, santo católico, conhecido por notável vida mística e também por seus escritos, especialmente seus poemas. Suas obras refletem profundo conhecimento sobre a vida mística, que, além da própria experiência, provavelmente obteve em seus momentos de estudo, reflexão, oração, mas também por observar seus companheiros e pessoas que buscavam as suas orientações.

O intuito do artigo é apontar a vivência mística de João da Cruz, como um caminho para a descoberta de aspectos da realidade¹ que não são acessíveis pela razão no sentido postulado por Descartes e Kant, mas que podemos compreender em sentido mais próximo ao que se referiam os escolásticos, de que é possível conhecer a causa por seus efeitos. Uma vez que o místico não é um ser sobrenatural, que vive arrebatado em êxtase, mas alguém que na naturalidade da sua existência, aprendeu, pelas vias simples da própria vida, a abrir-se ao transcendente. O místico se apresenta como um descobridor da realidade, que lhe ultrapassa; é também uma pessoa em constante busca do mistério, não se contenta somente com as primeiras impressões sensíveis.

Não nos cabe aqui analisar e comparar sistematicamente os inúmeros modos de misticismos existentes, pois podem variar nos meios e nos credos. Encontram-se casos de experiências místicas também fora da Igreja Católica e do Cristianismo, mesmo onde não se encontre um credo religioso, tal visão é exposta na tese de Trevisan (2020, p. 29) que foi defendida por Conte-Sponville (2006). Abordaremos a Mística na perspectiva cristã, levando em consideração que João era um fervoroso frade carmelita. E tratando-se de João da Cruz, é razoável que abordemos a relação da cruz com a escola de espiritualidade carmelita, “altamente contemplativa, na qual tudo se ordena para a união íntima com Deus mediante o desprendimento de tudo o que é criado, o recolhimento e a vida de contínua oração” (MARÍN, 2019, p. 413), escola que teve seu ápice em João da Cruz e Teresa D’Ávila.

2 | SÃO JOÃO DA CRUZ

Para realizarmos apontamentos sobre a mística de São João da Cruz é importante que conheçamos um pouco de sua vida. Trevisan (2003, p. 67) traz um oportuno questionamento feito por Bergson: “Se a fala de um grande místico, ou de qualquer de seus imitadores encontra eco neste ou naquele de nós, não será porque haja em nós um místico adormecido e que apenas espera a ocasião de despertar?” (1978, p. 82). Tomar

¹ De acordo com Trevisan (2020), compreendida como o modo de ser das coisas enquanto tais. Aquilo que existe fora da mente do homem e independe dela.

conhecimento da vida e deste “doutor espiritual” é um vocativo, inspira à reflexão profunda sobre o próprio modo de encararmos a realidade e conduzirmos nossas vidas.

Também conhecido como o doutor do “Tudo ou Nada”, São João da Cruz, teve uma vida austera desde muito cedo, tendo que lidar com inúmeras dificuldades ao longo da sua vida. Nascido em 1542, filho de Gonçalo de Yepes e Catarina Yepes, foi o caçula de três filhos. Seu pai, Gonçalo, faleceu quando tinha pouca idade, renunciou às honras e o comodismo de uma família abastada, já antes que João nascesse, para unir-se a Catarina. Seus dois irmãos, Luís, que faleceu ainda criança, e Francisco, o mais velho, que provavelmente exerceu forte influência sobre o caçula, pois relata-se que vivia a religião devotamente.

De família simples, chegou a mendigar pelas ruas de Medina, tentando ajudar nas necessidades da família como podia. Na juventude foi aceito em um colégio onde ofereciam inúmeras oficinas de trabalhos, porém, João foi um desastre nas que foram ofertadas, consideraram que não era capaz de aprender os ofícios ali disponíveis. Mesmo assim, por sorte, o diretor do instituto o envia ao convento de Madalena, onde pode aprender a ajudar no serviço litúrgico durante a Missa, e o fez com grande maestria, impressionando a muitos. Em Medina também trabalhou como enfermeiro, no mesmo período em que era médico ali o filósofo e médico Gomes Pereira, notório por reduzir os fenômenos psicológicos ao pensamento, agora um século antes de Descartes. Experiência que não retirou a abertura ao transcendente do futuro frade.

Foi responsável, junto a Santa Tereza D’Ávila, pela reformar na Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, também conhecida como Ordem do Carmo que, após a reforma iniciada por Tereza no ramo feminino, seguida por João no masculino, ficou conhecida como Ordem dos Carmelitas Descalços. Muito se questiona o real motivo por João ter optado pelo Carmelo e não por uma congregação onde pudesse ter uma vida mais contemplativa, ou de estudos, ou mais vantajosa financeiramente para ajudar sua família. Nota-se que o filho dos Yepes faz parte de um raro grupo de homens, dos que não visam o caminho mais fácil. Eram diversas as portas que se abriam em outras congregações, e também não faltariam motivos para abandonar a Ordem, dadas as dificuldades que enfrentou. Era rigorosamente observante às regras, muito dedicado, piedoso e comprometido, sua radicalidade incomodava muitos dos seus irmãos de comunidade religiosa. Foi preso pelos próprios monges, experiência que o fez ir no mais profundo do seu interior, diante da total solidão humana, encontrou refúgio em Deus. Muito além de poéticos, os escritos de João são verdadeiros exercícios espirituais, onde expressa suas percepções e descobertas, refletindo neles onde pode encontrar sustento para suportar situações tão angustiantes e manter a sanidade mental e espiritual.

Ele indica dois momentos que toda alma deveria passar para ir ao encontro do

Amado²: o primeiro, a “subida”³, onde se faz o esforço por desapegar-se das coisas terrenas, direcionando o olhar da alma para o alto; o segundo, a purificação, chamado de “noite escura da alma”, onde para unir-se perfeitamente ao Amado, livre de todo e qualquer apego, e das menores impurezas⁴ que possam haver na alma, possa assemelhar-se ao Cristo que é o modelo perfeito de homem. Mas aqui, nesse processo de união que propõe uma transformação, por vezes a pessoa é levada por algo que vem de fora e ao mesmo tempo age dentro dela, um sentimento de “assombro” como trabalha Trevizan (2020) ao comentar as experiências vividas pelo filósofo Pierre Hadot.

João da Cruz, não é um religioso como os demais, não é um escritor como os demais, ele não apenas idealizava suas convicções, colocava-as em prática, vivia em profunda contemplação, pois não buscava fora aquilo que encontrou no mais íntimo de si, isso o caracteriza como um verdadeiro místico, nada o prendia, somente Deus, que para ele é o Tudo. Seus poemas e suas orações são suspiros da alma, reflexos de experiências que dificilmente seriam melhores expressadas se não pela arte da poesia, como um símbolo do mistério vivido no íntimo do homem.

3 | MÍSTICA

A Mística, como pauta para discussão, há muito tempo está presente no mundo da Filosofia. Para Juan Dominguez Berrueta há um paralelo entre Filosofia e Mística nas suas definições tradicionais, afirma que a “Filosofia é, desde sua definição etimológica: ‘Amor pela sabedoria’. Mística é, desde sua definição tradicional: ‘Sabedoria do amor’” (1947, p. 7). Enquanto que o filósofo Henri Bergson, busca abordar a Mística de maneira não muito ortodoxa, desapegado do discurso teológico clássico, trabalha a Mística de forma leve, em comparação aos filósofos dos últimos séculos. Ele não retira, de acordo com Trevisan (2003), o aspecto ascético da vivência mística - “Não é dubitável que o misticismo implique o ascetismo” (BERGSON, p. 81) - mas lhe dá uma nova forma de ser vista, pela ótica do amor⁵.

Seguindo a percepção bergsoniana e joanina, notamos que o amante deseja ardentemente o amado, por isso deseja se unir, estar sempre junto, ao ponto de não parar de olhar a quem, ou o que, ele ama. Como um romance, a mística se dá como um processo de encantamento, provocado a sair de si. Místico aqui não é necessariamente ser um santo canonizado, ou um taumaturgo, que levita, cura enfermos, fala línguas estranhas, ou estar de joelhos quase o dia inteiro. Essas características podem ser usadas para descrever alguns místicos, mas, isoladamente, não fazem um místico. Estas afirmações ficam muito

2 Amado: Deus, que na linguagem espiritual cristã é a quem se deve destinar todo o amor.

3 “Dá avisos e doutrina, tanto para os principiantes, como para os mais adiantados, muito proveitosa para saberem desembaraçar-se de tudo o que é temporal e não serem prejudicados mesmo no que é espiritual, ficando em suma desnudez e liberdade de espírito, como se requer para a união divina.”(SCIADINI, 2020 p. 134).

4 Entenda-se impurezas como vícios, más inclinações que devem ser combatidas para dar lugar para as virtudes.

5 “Amor: é a característica fundamental da alma, que tende a unir-se, assimilar, transformar-se no Amado” (SCIADINI, Frei Patricio (Org.). São João da Cruz: Obras Completas, 2002, pg. 1146).

claras no comentário de Penido (1949, p. 122-123):

“Opõe-se de maneira mais decidida à opinião – correnteia entre profano e até mesmo em muitos meios religiosos – que reduz a mística aos arroubos, êxtases, levitações, desconjuntamentos de ossos, traspassos, audições de palavras celestes, profecias, estigmas, e quejandas maravilhas. Com grande insistência e abundância de detalhes o Santo demonstra a fartar que os referidos fatos não só não constituem o verdadeiro misticismo, como ainda lhe podem ser prejudiciais, pondo obstáculo à união com Deus, de maneira que a alma pode encontrar nesses fenômenos, ainda que autênticos, grandes estorvos e embaraços.”

O místico é alguém tomado pelo mistério, pelo desconhecido, extrapola a sua própria autocompreensão. Movido pelo amor, é impulsionado e modifica sua percepção de si e do que está ao seu entorno; experimenta a realidade de modo diverso, com ela se deslumbra, de tal modo que vê o desconhecido (TREVIZAN, 2020).

Não é possível observar experiências místicas como em experimentos científicos em laboratórios. Como constata Hulin (2007), em Trevizan (2020), afirmando que tais experiências não provocam modificações essenciais na consciência de quem passa por elas. No entanto, aquele que fez a experiência não é capaz de descrever de forma clara, pois, como dito anteriormente, extrapola-o, é mistério. Algo comum entre os místicos é a experiência de se sentirem invadidos, tomados, como que por uma grande onda ou vendaval, que passa e vai de fora para dentro e de dentro para fora. “Revelam tais experiências uma clareza e uma obscuridade, um penetrar por entre trevas” (SANTOS, 1960, p. 55). Trevizan (2020) ao comentar Hulin (2007) afirma que podemos classificar tais situações como ‘estados modificados de consciência’⁶, modificado não no sentido de perda, mas de uma real imersão na realidade de maneira distinta, como que um olhar sobrenatural.

Mística está ligada ao mistério, portanto, está muito mais para os afetos⁷, para os estados de espírito do que para “visões intelectuais” (SANTOS, p. 55). Há quem se esforce para enquadrar tais fenômenos como patologias da psique, de afetações da saúde, o que não explica homens e mulheres das mais diversas crenças e vivências aos quais se atribuem fenômenos místicos e que durante após esses mantiveram, quando não até melhoraram, o estado de saúde, tendo ainda mais força e disposição, mesmo após serem expostos a duras e penosas experiências de sofrimento. O cárcere e a vida austera de João são provas de que se tivéssemos que enquadrar os místicos em alguma categoria de pessoas, certamente não seria na das débeis, tanto física quanto moralmente.

Aquilo que para a maioria se apresenta tão somente como tormenta e razão para desespero, na vida do místico é oportunidade. Importante salientar que um místico de vida austera como o filho dos Yepes não é um masoquista, ou alguém que sente atração pela dor, mas que é capaz de suportar as terríveis dores para alcançar o verdadeiro prazer,

⁶ “Tales experiencias pueden ser clasificadas habitualmente como una forma bien delimitada de los ‘estados modificados de conciencia.’”

⁷ Afetos no sentido de íntimo, não de sensibilidade superficial.

que só encontra no Amado. A dor é ressignificada com o amor, aparece como obstáculo, e assim faz ser ainda mais forte.

Quando João da Cruz propõe que se deva abster dos desejos e apetites, ele está visando esvaziar-se de si, para que, não restando nada de si, possa ser preenchido completamente pelo objeto deste amor. Mas o fato de rejeitar esses fatores, aparentemente corporais, não tem por fim a negação da matéria como buscaria um maniqueu⁸, pois tais experiências se dão na vida concreta, também imanente. Esse seguimento é comum nas inúmeras experiências místicas espontâneas. Hulin (2007) afirma que essas experiências, chamadas espontâneas, são “experiências que surgem naturalmente, de improviso, e não são provocadas artificialmente”⁹: são provocadas aquelas que utilizam de substâncias que geram um estado de mudança de consciência, não são nosso escopo.

A experiência mística não desconecta o indivíduo do mundo. Nota-se uma diferenciação entre aquilo que está intimamente ligado aos cultos religiosos, e aquilo que estamos tratando como fenômenos místicos, em sentido mais amplo. É comum que o místico seja ligado a algum seguimento religioso, porém, ainda que estes fenômenos ocorram na maioria das religiões, não é somente na vivência religiosa institucional que se encontram como afirma Velasco (2003):

“É dizer, a experiência não causa a impressão de ver o mundo a distância senão de estar nele e vê-lo de uma forma nova, profunda e mais sofisticada, mobilizando mais sentidos e energias interiores, mas também superficiais, para dar conta daquilo que passa. É um fenômeno que tem relação com a inserção receptiva em um ambiente antes de poder falar de outros misticismos relacionados aos cultos religiosos” (TREVIZAN, p. 32-33).

3.1 Mística Cristã

No âmbito religioso da tradição cristã, o teólogo Adolphe Tanquerey descreve em sua obra *Compêndio de Teologia Ascética e Mística* que por muito tempo os termos ascética e mística foram tratados como sinônimos. Porém, atualmente os termos possuem uma definição mais clara dentro da teologia católica, ainda que normalmente interligados: Ascética está mais ligada ao esforço humano, visando uma busca por um ideal de perfeição, esforço realmente físico; Mística se observa nos estágios mais elevados dessa caminhada rumo à perfeição, aquilo que se entende como etapa unitiva, da contemplação, onde já não demanda mais tanto esforço propriamente físico e moral do indivíduo (TANQUEREY, 2018, p. 54).

O místico cristão é um homem consciente das suas responsabilidades enquanto homem, com uma vida realmente humana, mas tem os olhos do coração voltados para o alto, ao mesmo tempo que contempla aquilo que se movimenta dentro de si, suas ações são motivadas pelo divino e para o divino. É um homem que tem seus pés muito bem fixos

⁸ Alguém que segue uma doutrina dualista, onde supostamente existiria um princípio de bem que é espírito, e o de mal que é matéria.

⁹ “experiencias sobrevenidas naturalmente, de improviso, y no provocadas artificialmente” (Hulin, p. 12).

no chão, mas seu espírito não fica preso aos negócios terrenos. O bem praticado se dá pela caridade, amor desprovido de interesses, está pautado na fé em Deus, baseia sua esperança na vida futura, não é por uma simples recompensa, mas como ato de amor, buscando agradar seu Amado, isto é, o próprio Deus. Para o cristão, Jesus é o modelo a ser imitado. “Em toda sua vida, Jesus mostra-se como nosso modelo. Ele é o ‘homem perfeito’ que nos convida a tornar-nos seus discípulos e a segui-lo: por seu rebaixamento, deu-nos um exemplo a imitar” (Catecismo da Igreja Católica n. 520). Este é norte dos místicos cristãos, fazer sua a vida de Cristo. Falar como ele provavelmente falava, relacionar-se com Deus de forma semelhante a ele e tratar as pessoas como ele as tratava.

Pode-se dizer que é um processo com duas etapas, o discipulado e a configuração: tornar-se discípulo é ouvir o mestre, caminhar próximo a ele, aprender dele, absorver ao máximo seus ensinamentos; configurar-se requer maior intimidade, não se trata somente de fazer parte de um grupo, ainda que mais seletivo, é preciso ser como o mestre, não tanto no âmbito externo, mas sobretudo internamente, é nessa etapa que se começa a propriamente o mistério. Um imitador de Cristo precisa passar por um processo de *metanóia*¹⁰. Não basta andar como Jesus e falar como Jesus. Deve agir e pensar como Jesus, mas sobretudo amar como Jesus. Não é possível ser configurado, sem antes seguir, colocar-se a escuta. O místico cristão é moldado pelo Evangelho¹¹. Compreende-se como alguém guiado interiormente, por uma pessoa real, que habita dentro dele, mas também presente em todo lugar, pois é onipotente e onipresente.

3.2 Estado de vida perfeito¹²

O modo de vida perfeito seria então aquele vivido por Jesus de Nazaré e por isso, desejosos de assemelharem-se em tudo a Cristo, os religiosos se comprometem a viver a pobreza, a castidade e a obediência¹³. À procura de uma vida simples, pautada na vivência fraterna, no trabalho cotidiano, e a submissão às autoridades que devem garantir que se cumpra um conjunto de regras pautadas nos preceitos cristãos. Esse tripé seria a chave da configuração mais perfeita a Cristo. São Bento sintetiza a questão ao afirmar que nada se deve antepor a Cristo. E conforme ensina João da Cruz no Livro I da Subida do Monte Carmelo: “Toda a bondade das criaturas, posta em paralelo com a infinita bondade de Deus, mais parece malícia. Ninguém é bom, senão só Deus” (SCIADINI, p. 149). Ninguém se faz pobre por desejar a pobreza, tão pouco se faz casto por não ter desejos sexuais, também não há quem seja obediente pelo prazer em seguir ordens e regras. Ora, a finalidade para a qual esses princípios estão orientados está além do aspecto biológico natural, estão orientadas para uma finalidade ontológica.

¹⁰ Palavra grega que significa mudança de mentalidade, transformação a nível espiritual.

¹¹ Dado de revelação, matéria da fé cristã, encontrado especialmente nas Sagradas Escrituras confirmadas na Tradição, recebida dos apóstolos de Jesus que teriam recebido diretamente dele e transmitido aos seus sucessores.

¹² “Eis que deixamos nossos bens e te seguimos!” Jesus lhes disse: “Em verdade vos digo, não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, sem que receba muito mais neste tempo e, no mundo futuro, a vida eterna” (Lc 18, 29-30).

¹³ Os três conselhos evangélicos.

Os católicos, tomando por base a vida de Cristo e seus ensinamentos, entendem que seja esse o caminho para alcançar a perfeição, ou o que poderia se chamar de estado de santidade, também compreendido como perfeição. Como quando Jesus, questionado por um jovem, que detinham muitas posses e seguia os mandamentos, mas ainda faltava vender tudo o que tinha para poder segui-lo¹⁴, eis o modo de ser discípulo para poder depois configurar-se ao Cristo. Desapegar-se de tudo e todos, foi isso que João compreendeu tão bem, tinha Deus como meio e fim para tudo na sua vida. Entende-se desapegar não como ignorar e ser indiferente ao resto, pelo contrário, é no sentido de ser tão apegado a Deus que todas as ações são motivadas pelo fim que se encontra no Criador e não nas criaturas, dessa forma fazendo ainda mais pelas criaturas. Já não são os apego, os vícios e as paixões, que o escravizam. Quem segue por esse caminho o faz para gozar de plena liberdade, liberdade de espírito, liberdade moral, algo que ninguém pode roubar, pois já não possui nada. Nesse estágio que se é capaz de guiar o próprio corpo, não ser conduzido por ele.

3.3 Mística da cruz

A tradição cristã católica entende mística como a união íntima com Deus, nesse sentido, o sofrimento, que atinge a todos os seres humanos, adquire valor positivo na prática ascética, que visa atingir a mística. Recordemos que para os cristãos o Filho de Deus veio ao mundo de forma sobrenatural, mas viveu maior parte de sua vida da forma mais natural e humana jamais vista. Jesus apresentou-se tão humano que foi motivo de escândalo, uma verdadeira loucura para os ouvidos dos seus¹⁵, como poderia o Deus Altíssimo ter um filho? Um Deus tão humano, tão palpável e sujeito a nós? Indo além, revela ter um projeto diverso do projeto daqueles homens. Sua missão foi consumada no alto da cruz. Com seus braços abertos, entrega-se por toda a humanidade, de Adão até o último dos seres humanos ainda não nascido. Quais seriam as suas motivações para suportar tanta humilhação e sofrimento? Sendo ele Deus não poderia simplesmente acabar com o mal e instaurar seu Reino sobre a terra? Sendo homem, nunca deixou sua natureza divina, ainda que esta passasse oculta pelo véu da humanidade. Aparentemente optou por isso.

Para o místico da cruz, nada é mais sublime que esta relação com Deus, almeja morrer para viver com o Amado “Vivo sem viver em mim, E de tal maneira espero. Que morro porque não morro.” (SCIADINI, p.40) - Deseja estar com Deus na glória, mas sabe que é preciso antes caminhar com o “Homem das Dores”, “desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto” (Is 53, 3). Caminhar com este homem, estar com ele, é viver nele e permitir que ele viva em você. É repetir as palavras do Apóstolo: “O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne” (Cl 1, 24).

¹⁴ Lc 19, 16-22

¹⁵ 1 Cor 1, 23

São Josemaria, fundador do Opus Dei, ensinava que “encontrar a Cruz é encontrar Cristo” (2004, n. 779). Não se pode conceber cristianismo sem cruz, uma vez que segundo os textos sagrados dos cristãos, foi o próprio Cristo quem disse que toda aquela que deseja segui-lo deve pegar a sua cruz de cada dia e o seguir¹⁶, e foi além, não só carregou a cruz, mas morreu na mesma. Para o cristão, a cruz é sinal de redenção, é a ponte usada por Deus para religar o homem ao divino. No cristianismo a cruz é caminho seguro, não impõe medo, tornou-se sinal de esperança. Abraçar a cruz é abraçar o Cristo, tomar sua cruz é tomar a sua vida. Facilmente poderíamos distorcer aquilo que é a mística da cruz, o próprio Evangelho relata que, quando Jesus dava indícios do desfecho da sua vida terrena, alguns dos seus o repreendiam, não toleravam a ideia de que ele pudesse sofrer penas tão terríveis¹⁷. Após sua morte, os judeus se escandalizavam que Deus se tivesse feito homem e morresse na cruz¹⁸, para aqueles que não acolheram o anúncio do Evangelho a vida de Jesus era absurda.

A cruz é base de uma série de paradoxos: morrer para ter vida; se fazer escravo para alcançar a plena liberdade; não ter gozos, para gozar do gozo supremo.¹⁹ Todas essas sentenças, aparentemente contraditórias, são a chave para compreender o pensamento dessa tradição. Jesus, sendo Deus, podendo vir ao mundo da forma que quisesse, aceita ter um fim trágico, por amor, vem reconciliar toda a criação com o seu criador²⁰, a cruz não é meramente um fator do acaso, é o instrumento usado por Deus para dar a salvação à humanidade. Nos antigos rituais, era comum que se oferecesse sacrifícios e ofertas às divindades, para obter benefícios ou para pagar por suas faltas, até mesmo de pessoas. Na tradição hebraica essa prática é abandonada, contudo permaneciam os sacrifícios de animais com os mesmos intuitos. Com sua morte na cruz, Jesus dá novo sentido ao sacrifício expiatório. Os outros sacrifícios eram limitados e sempre precisavam ser renovados, o sacrifício da cruz é único e basta para redimir toda a humanidade, é atemporal, pois é Deus que o oferece.²¹ A concepção de sacrifício e cruz são recebem um novo status em Jesus. Até então se aguardava uma redenção em sentido político/social. Enquanto que os textos do Novo Testamento são expressamente contrários a um pensamento materialista, onde o fim último das narrativas humanas se encontra dentro da própria história, agora eles remetem a uma esperança no transcendente e eterno.

Sendo assim, se Jesus Cristo, livre de toda a mancha do pecado, homem perfeito e modelo de uma Nova Criação, sofreu tão terrível e humilhante pena, o místico vai encarar o sofrimento ordinário e extraordinário com este olhar, fixo no Crucificado. Estabelece-se um diferencial em relação aos que buscam ir a Deus por meios menos dolorosos, seja

16 Lc 9, 23

17 Mt 16, 22

18 1 Cor 1, 23

19 “Para chegares a saborear tudo,

Não queiras ter gosto em coisa alguma.” (1 Subida ao Monte Carmelo 13, 11).

20 Cl 1, 20

21 Hb 8

na carne que no espírito. É possível ser salvo sem abraçar a cruz, mas seria impossível salvação sem esta cruz, para a redenção da humanidade foi necessário que Cristo a carregasse por todos. Adentram o mistério aqueles que se fazem participantes do processo de salvação, são voluntários no projeto da cruz. Também é possível haver cruces que não sejam vinculadas intimamente à do Crucificado, uma vez que a pessoa não esteja disposta a esse projeto, podendo simplesmente ter uma vida difícil, mas que teria uma vida mais fácil na primeira oportunidade que tivesse, sem dar sentido maior algum ao sofrimento suportado. Nem todo sofrimento é associado ao de Cristo na cruz, porém, na cruz ele se associou a todo sofrimento.

3.4 Mística de São João da Cruz²²

João da Cruz foi um verdadeiro revolucionário, no sentido mais positivo que se possa encontrar para o termo, dedicou-se em retomar aquilo que, ao longo dos séculos, o cristianismo com seus inúmeros místicos sempre proclamou abertamente. Em um período que não somente sua congregação, mas a Igreja Católica como um todo, passava por uma grande crise espiritual e também a sociedade de modo geral, surge um monge desinteressado em corresponder aos anseios dos homens, mas com firme propósito de responder a um chamado vindo do seu interior.

Conhecido como o santo do “Tudo ou Nada”, gastou sua vida por desejar tudo, não se contentando com nada que aqui se pudesse obter.²³ Foi um dos bem-aventurados que encontrou o valioso tesouro, sendo capaz de vender tudo²⁴, até mesmo as coisas que lhe pudessem ser mais estimadas, como: família, conhecimento, bens materiais, prestígio e honra. Era movido pelo amor. Para João, era preciso se desfazer de qualquer tipo de afeição ou apego às coisas sensíveis, mas também espirituais, não importava qual fosse, nada poder ser mais digno de ser amado que Deus.²⁵ Quem, com pleno uso das suas capacidades racionais, escolhe menos podendo possuir mais? Sua lógica é inversamente proporcional: optar por menos é optar por mais; escolher nada é escolher tudo; não se apegar a nada é ser livre em e para tudo. Ninguém o domina, tem pleno controle de si mesmo, e pode, dessa forma, o verdadeiro místico, dar-se a quem ou ao o que desejar.

Como filhos de nosso tempo²⁶, talvez possa soar pejorativo aos nossos ouvidos reafirmar tanto que se deva negar tanta coisa, sobretudo coisas que são boas em si, porém, no período em que viveu São João da Cruz, a capacidade de renúncia era entendida como uma grande virtude, a austeridade. Infelizmente, hoje pouco se discute sobre a ascese

22 “Mística: palavra nunca usada sozinha, mas sempre unida a outra: inteligência mística, sabedoria mística, teologia mística. De per si é sinônimo de contemplação infusa.”

23 “Tudo para ti e nada para mim” (Ditos de luz e amor, 109).

24 Mt 13, 44-51

25 “Todas as graças e todos os encantos das criaturas, comparados às perfeições de Deus, são disformes e insípidos. A alma subjugada por seus encantos e agrados, torna-se, por si mesma, desgraciosa e desagradável aos olhos de Deus, sendo, deste modo, incapaz de unir-se à sua infinita graça e beleza” (1 Subida ao Monte Carmelo 4, 4).

26 “cada indivíduo é sempre filho de sua época” (HEGEL, Prefácio à Filosofia do Direito, 1821).

na vida cotidiana. Atualmente, muitas práticas, que têm origem em exercícios espirituais ascéticos, desenvolvidos ao longo do tempo, são praticadas sem conexão aos seus princípios fundacionais, tornam-se superficiais. Algumas delas são: abstinência na comida e na bebida, o jejum, a prática da meditação, e a assistir aos miseráveis materialmente.

As pessoas na contemporaneidade buscam uma espiritualidade do bem-estar, práticas que levem a pessoa a sentir-se bem. Sentir-se bem consigo mesmo, no ambiente em que se vive, com as pessoas que se convive. E, sendo influenciados por essa forma de ver as coisas, podemos encontrar dificuldade ao tentar compreender a finalidade das ações de São João da Cruz. Ele não fazia jejuns severos para não engordar, não se penitenciava por um sadismo ou masoquismo, não era casto por não possuir desejos sexuais. A mística vivida por João não pode ser compreendida na ótica narcisista do “eu”, onde se torna o ponto de referência do mundo, só importando o “eu”. É necessário considerar que suas ações estavam muito bem direcionadas para Deus, o Amado, caso contrário, considerar-se-á exagero e loucura tudo aquilo que ele se submeteu ao longo da vida.

Conhecemos a árvore por seu fruto²⁷, e os relatos nos mostram que os frutos gerados na vida do filho dos Yepes eram fascinantes. Temos os seus próprios escritos, as biografias contando sua vida e tantas obras que escreveu ou inspirou; além, é claro, da Reforma que, junto à Madre Teresa de Jesus, transformou a Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem do Monte Carmelo, que causou imenso impacto na história da Igreja, bem como na Espanha, e ecoa até os nossos dias. Foi um revolucionário restaurador, não implanta algo novo, faz uma renovação, um retorno às origens, trouxe na sua vida o que se tornou apenas arquivo e ficou guardado nas bibliotecas.

João atualizou, em seu tempo, aquilo que os primeiros eremitas do Monte Carmelo aspiravam fervorosamente: viver despojadamente em retiro e oração. O desprendimento total a tudo que o tire da presença de Deus, aliado à solidão e ao silêncio, característicos da espiritualidade carmelita. Berardino (1993, p. 133-134), parafraseando o escrito Chama Viva de Amor afirma que “a vontade de esconder-se, para encontrar alívio na solidão, é igual à força da paixão e é como um delírio divino, tão forte e tão pura, a ponto de tornar-se pesada e insuportável a vida”. Percebe-se que não é mais penosa a renúncia, é penoso suportar o não estar só para estar unido, é penoso aguardar a chegada do momento em que estará “Amado com a amada, amada já no amado transformada”²⁸.

João muito amava, mas muito mais se sentia amado, desejava corresponder ao oceano de amor que sentia receber, mas era correspondido com tanta intensidade que era como um fardo, muito pesado, e, ao mesmo tempo, tão suave que não era possível negar ou fugir. Ardia em amores, ele vivia e morria de amor. Seu itinerário não é dos êxtases espirituais, é baseado em uma relação de amor. Os êxtases podem ser vistos como um desdobramento daquilo que já vivia, mas que não eram necessariamente determinados por

27 Lc 6, 44

28 A Noite Escura da Alma, Canções da Alma, n. 5.

suas ações. Há quem considere que tais fenômenos advêm de patologias, pensamento comum no século XX. No entanto, não se pode diagnosticar, como que em doenças físicas, as situações que provoquem esse tipo de fenômeno, ainda que não seja raro confundir casos patológicos com fenômenos místicos.

Mário Ferreira dos Santos (1960) destaca que os freudistas entendiam o amor do místico como desvio no campo sexual, que pensadores como Charcot e Janet diziam ser histeria, e outros ainda diziam ser ação do subconsciente, visão defendida por Delacroix. Porém, para o filósofo brasileiro, nenhuma dessas acusações explicariam coisa alguma. Para Santos (1960), “na ascese mística, e nos estados *páthicos*²⁹ do místico, há algo mais que um mero estado físico comum; há um penetrar onde não penetra o mais inferior”, logo, seria ineficaz olhar para um místico com olhar puramente naturalista, uma vez que aquilo que ocorre nele está embebido de mistério e está num plano mais elevado.

Contudo, João era um místico, não um filósofo propriamente. Ainda que fosse dotado de rica cultura filosófica e grande capacidade de articulação das palavras, não se deteve às questões e disputas comuns aos filósofos, não tinha pretensões de deixar uma obra filosófica. Fato este que não exclui a possibilidade de tomar sua obra como suporte para nossa reflexão filosófica, uma vez que foi um autêntico místico, colocou em prática os princípios que acreditava, e teve clareza, experimentando, realidades que os filósofos de quase todas as épocas tentaram, com muito afincamento, elucidar por meio de conceitos, mas sempre reféns da finitude das palavras.

4 | EXPERIÊNCIAS MÍSTICAS

Outro grande ponto de referimento sobre a mística é a grande Santa Teresa de Jesus, dotada de boa inteligência, mas sendo menos instruída nas ciências e nas artes, comumente utilizava de exemplos ligados ao campo e aos animais, para descrever aquelas experiências que tão bem conhecia por vivência, mas que ela mesma reconhecia não ser hábil suficiente para explicar por meio de palavras. E não só por falta de recursos linguístico, ou de conhecimento de termos filosóficos e teológicos, é também uma limitação natural do intelecto humano, não se pode verbalizar certas realidades, o que dificulta compreender e descrever este tipo de experiência. É natural que o místico seja incompreendido, ele fala de uma experiência muito particular, que se dá no interior do seu ser, mas que o leva a sair de si, “é uma experiência que tem uma simplicidade profunda pois sucede quase que de ‘forma mágica’ e provoca na pessoa uma transformação na maneira de ver o mundo” (TREVIZAN, pg. 32).³⁰ Esses movimentos não entram no plano cartesiano, mas nem por

29 “saber vivencial, *phático* (de *Phatos*), a afectividade, em que a separabilidade sujeito + objeto se esfuma, para permitir maior fusão, na vivência, que é um *viver com*, um *saber vivencial* das coisas, mas um saber consigo mesmo, em que a vivência é a vivência de si mesma, em que sujeito e objeto se fusionam na *frônese*, acto de saber vivencial *phático*.” (SANTOS, p. 51-52).

30 “Es una experiencia que tiene una simplicidad profunda pues sucede casi que de ‘forma mágica’ y provoca en la persona una transformación en la manera de ver el mundo.” (TREVIZAN, pg. 32).

isso são menos reais.

Segundo Trevisan (2003), Bergson apontava que os verdadeiros místicos são invadidos, mas permanecem seguros, possuem clareza de que esse sentimento vem de algo superior a eles. Tomemos por exemplo um cientista, que estudada com grande afinco um objeto, para que seu estudo seja mais preciso ele vai tentar estabelecer todas as condições necessárias para que as situações externas não interfiram no seu experimento. Pois bem, não seria a experiência mística análoga? O místico, tendo deixado de lado as possíveis distrações que se encontram fora dele, passa a condicionar-se para fazer esse experimento, para contemplar a realidade e o máximo possível de um objeto, que no caso é o seu amado. No entanto, o cientista olha pequenas partes de um todo, aquelas que podem ser captadas por seus instrumentos, enquanto que o místico, não desconsiderando as realidades espirituais, consegue apreender de forma mais ampla e significativa, que transcende o comum da compreensão humana. Enquanto que a ciência moderna tem, dada a especialização das inúmeras áreas de estudos, a tendência de ser cada vez mais restrita, resultando em um verdadeiro sistema de afunilamento das consciências. Enquanto que, na Filosofia, em sua via mística, na medida em que se aprofunda mais no objeto de estudo pela contemplação unida a uma vivência coerente, maior é seu horizonte de visão e pode levar ainda mais longe quem a ela recorrer como instrumento para ver a realidade.

5 | A NOITE ESCURA DA ALMA

A Noite Escura, um dos escritos mais famosos de João da Cruz, a obra é composta por oito cânticos dispostos como um poema, que em seguida ele dá o sentido. Assim descreve a experiência da alma que “goza o ter chegado ao alto estado de perfeição, que é a união com Deus, pelo caminho da negação espiritual, ou seja, da noite escura da fé” (SCIADINI, p. 36), também conhecida como “noite escura da alma”. Ora, a “noite” nada mais é que o estado de uma alma ao passar por um processo de purificação dos sentidos. Assim como um ser humano, que tenha uma visão normal, não é capaz de olhar diretamente para o sol sem ter sua vista prejudica, a alma não pode contemplar as verdades mais elevadas sem estar devidamente preparada, ou então, como um cego, nada verá.

Frei Berardino afirma que “a noite é uma grande paixão de amor vivida no drama profundo da purificação mais intensa” (BERARDINO, 1993, p. 117) isto é, só passam por este estágio as almas enamoradas, perdidamente apaixonadas. No itinerário apresentado por João, não são todas as almas que chegam a passar por esse processo, seria um refinamento a mais, não porque são impedidas, mas não estão preparadas. Quem passa pela “noite” não inciante na vida espiritual, é uma alma já experimentada. É uma casa que já possui seus alicerces, quase todos as estruturas já estão terminadas, mas que faltam o acabamento e os ajustes finais para estar pronta.

Ao passar pela “noite escura”, a alma é intimamente movida por Deus, ainda que

no primeiro momento, mais propriamente a ascese, necessite de um maior esforço de si. Primeiro ela se confronta, depois encontra Deus. Deve se conhecer, tomar consciência da própria insignificância, ser humilde, e conseqüentemente submeter-se e permitir o mover divino em si. Depois é o próprio Deus quem ilumina a inteligência da alma, fortalece sua vontade, conduz à contemplação. Nesta “noite” a, mesmo sendo conduzida por Deus, também “é acompanhada de graves tribulações e tentações sensitivas, muito prolongadas, embora duressem mais em alguns, e menos em outros” (SCIADINI, p. 438). São provas necessárias, tempestades que quando passam trazem a verdadeira bonança ao espírito, no entanto, não há tempo determinado para superá-las. Nesse ponto há uma sutil diferenciação que Deus faria entre as almas, pois variaria a tribulação e sua intensidade de acordo com o nível de contemplação que a alma é chamada a viver. Isto não nega que, passando pela via estreita, todas possam viver a mística, ainda que não atinjam aos mesmos graus.

6 | CONCLUSÃO

São João da Cruz nos oferece um itinerário para a mística, evidente que, partindo de uma perspectiva cristã, ver além do campo habitual. Conclui-se também que podem existir místicos fora do Cristianismo, pois o misticismo não está exclusivamente ligado a experiência religiosa, ou a algo que se atribua caráter divino. Alguém não dotado de cultura filosófica e/ou teológica pode ter vida mística e um doutor nunca ter se aproximado de viver uma experiência mística. Ela envolve a pessoa como um inteiro. Ser místico é adentrar o mistério, é ser tomado por outro, entrar em si e ser arrebatado para fora. Como definido: mística é sabedoria do amor. O místico é um sábio amante, diferente do filósofo que é um amante da sabedoria. Ao longo da história do cristianismo se encontra muitos místicos, tinham em comum o grande desejo de assemelharem-se a Cristo. E isso inclui aceitar a própria cruz, por amor a Deus. Nessa sentida João acreditava que era necessário desapegar-se de tudo, ter o foco somente no Amado. Nada mais queria, somente Deus lhe bastava. Não foi alguém que somente passou por uma experiência mística, um fenômeno isolado, toda sua vida estava voltada para quem ele amava. Viveu um processo de enamorar-se tão intensamente que se configurou ao destinatário do seu amor, tornou-se um místico. João da Cruz apresenta noite escura da alma, onde essa passa por um processo de purificação, até que não reste a menor impureza e nenhum apego que possa desviar o olhar de Deus. Após a “noite” vem a grande luz, a alma amante se encontra unida ao amado, essa união é mística, sua vivência é mistério. Na “noite” a alma não está só, mas é como que se estivesse, porém, é pela fé que se sustenta, na firme esperança torna o padecer em alegria.

João não foi forçado, fez seu um caminho de outro, de outro que reconheceu ser maior. Sua vida poderia ter ido por caminhos humanamente muito mais atrativos, optou

pela via dolorosa, a cruz. Não só meditou sobre o mistério da cruz, viveu aquilo que muito apenas conceituam, mas não compreendem porque não fizeram a experiência. Ainda que, aparentemente, algumas pessoas nasçam com algo a mais para a mística, os místicos não pessoas que nasceram com poderes especiais, são pessoas normais, extrapolaram o comum, ao ponto de expandirem seus horizontes para além do comum, e mantendo, ainda assim, contato normal com a realidade que os envolve.

REFERÊNCIAS

ALBERTO. **Regra da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.** Disponível em: <<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/a-regra.html>>. Acesso em: 18 maio. 2019.

ARISTÓTELES. **Metafísica.** 2. ed. rev., ampl., trad. Edson Bini. São Paulo, SP: Edipro, 2012

ARINTERO, Juan González. **Influencia de Santo Tomas en la mística de San Juan de La Cruz y Santa Teresa.** - Campinas, SP: Livre, 2016.

BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de São João da Cruz, místico e doutor da Igreja.** trad. Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha. - São Paulo: Paulus, 1993. (Coleção Espiritualidade).

BERARDINO, Pedro Paulo Di. **São João da Cruz: doutor do “Tudo e Nada”.** trad. Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha. - São Paulo: Paulus, 1992. (Coleção Espiritualidade).

BERRUETA, Juan Dominguez. **Filosofia Mística Española.** - Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto “Luis Vives”, de Filosofia, 1947.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Brasil: Paulus, 2002

BORRIELLO, L.; GENIO, E. Caruana M.R. Del; SUFFI, N.. **DIZIONARIO DI MISTICA.** Città del Vaticano: Vaticana, 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. rev. - São Paulo, Brasil: Loyola, 1999.

COSTA, Claudiana Soares; POSSEBON, Fabrício. A Experiência da ‘Noite Escura’ e a busca de sentido: diálogo entre os prisioneiros São João da Cruz e Viktor Frankl. **Logos & Existência:** revista da Sociedade Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial da Universidade Federal Paraíba, v. 3, n.1, p.13-27, 2014.

ESCRIVÁ, Josemaria. **FORJA.** 3. ed. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, n.779, pg. 243, 2014.

MARIANI, Ceci Baptista. Mística e Teologia: Desafios contemporâneos e contribuições. **Atualidade Teológica:** revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, ano. 13, n. 23, p.360-80, set./ dez. 2009.

MARÍN, Antonio Royo. **Grandes Mestres da vida espiritual: História da Espiritualidade Cristã.** Trad. Ricardo Harada. Campinas, SP: Ecclesiae, 2019.

MARQUES, Romero Heitor *et al.* **Metologia da Pesquisa e do Trabalho Científico.** 4. ed. rev. e atual. - Campo Grande: UCDB, 2014.

PENIDO, Teixeira Leite. **O Itinerário Místico de S. João da Cruz.** Petrópolis: Vozes, 1949.

SANTOS, Mário Ferreira Dos. **O Homem perante o Infinito (Teologia).** 3 ed. São Paulo: Logos, 1960, pg. 53. (Série Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais, v.8)

SCIADINI, Frei Patrício (Org.). **São João da Cruz: Obras Completas.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ST-THIERRY, Guilherme de. **Carta de Ouro.** Trad. Pe. Gabriel Augusto Vecchi. CEDET, 2016, p. 74.

TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística.** Trad. Dalton César Zimmermann. Campinas, SP: Ecclesiae, 2018.

TREVIZAN, Rubens Murillo. O Valor Filosófico do Misticismo São João da Cruz: Aproximações Bergsonianas. **Síntese:** Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 30, n. 96, p. 65-83, 2003.

TREVIZAN, Márcio Bogaz Trevizan. **Del Sentimiento Oceánico a La Filosofía Como Modo de Vida em Pierre Hadot.** 2020. Tese (Doctorado en Filosofía) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina, Buenos Aires, Argentina.

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 